

**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de encerramento do Fórum Econômico Mundial sobre a América Latina
Santiago-Chile, 26 de abril de 2007**

Excelentíssima senhora Michelle Bachelet, presidente da República do Chile,
Senhores e senhoras integrantes das delegações do Chile e do Brasil,
Senhor Diretor-Executivo do Centro de Parcerias Público-Privadas,
Senhores empresários e empresárias que participam do Fórum Econômico Mundial sobre América Latina,
Meus amigos e minhas amigas,

É uma satisfação participar da sessão de encerramento do Fórum Econômico Mundial, sobretudo ao lado de minha querida amiga, a presidente Michelle Bachelet.

Em Davos, no começo do ano, eu disse que o Brasil havia feito uma opção pela América do Sul. Uma opção que se estende também para toda a América Latina e Caribe. Estou convencido de que nossa região está cada vez mais preparada para enfrentar os desafios da globalização. Temos consciência de que o destino de nossos países está cada vez mais interligado.

O contexto político brasileiro e sul-americano mudou muito nos últimos anos. Nossos governantes, saídos de eleições democráticas, têm compromissos sociais profundos. Fortalecemos nossas instituições. Estamos buscando dar verdadeira cidadania e participação a toda a população por meio de políticas de distribuição de renda. Consolidamos a estabilidade econômica e financeira e reduzimos a vulnerabilidade externa dos nossos países.

Assentamos, assim, as bases para o processo de crescimento sustentável que já se reflete na diminuição da pobreza e da desigualdade de nossos cidadãos. Maiores investimentos significam mais empregos, aumento da renda, acesso aos serviços básicos e educação universal de qualidade.

Na América do Sul, somos 370 milhões de pessoas determinadas a realizar todas as potencialidades de uma região dotada de imensos recursos naturais e humanos.

O processo de integração regional entrou em nova etapa, com maior ênfase na necessidade de expandir a infra-estrutura e de superar as assimetrias. Fomos muito além

dos meros acordos de preferências comerciais. Seja no Mercosul, seja na União Sul-Americana de Nações, estamos avançando na construção de estradas, gasodutos, pontes e interconexões elétricas. Essas obras têm forte impacto multiplicador sobre toda a economia, com reflexos diretos na melhoria das condições de vida de nossas populações.

A construção de uma América do Sul integrada requer soluções inovadoras e financiamentos. Vamos avançar na harmonização de critérios e normas de financiamento em nossa região. Esse será um passo prévio na direção de um Banco Sul-Americano de Desenvolvimento.

Concentramos esforços numa integração que possa ser sentida no dia-a-dia por nossas populações. A integração ajudará a dinamizar as atividades produtivas, criando um grande mercado regional e facilitando os contatos com mercados extra-regionais.

Estamos tratando, também, de estabelecer as bases para o desenho de políticas energéticas regionais, que são imprescindíveis para o desenvolvimento sustentável. A América do Sul é uma das poucas regiões do mundo auto-suficientes em energia.

Agora precisamos trabalhar para que toda a nossa capacidade hidrelétrica, as abundantes reservas de petróleo e gás, e o potencial dos biocombustíveis sejam plenamente aproveitados. Além de serem fontes alternativas baratas, renováveis e limpas, o etanol e o biodiesel oferecem resposta eficaz e inovadora a alguns dos principais desafios de nossa época. Geram empregos no campo, agregam valor à produção agrícola, diversificam a pauta exportadora e ajudam a proteger o meio ambiente. Sentam as bases de uma nova geração de produtos industriais: plásticos, fármacos, adubos, alimentos para animais. Cada vez mais, os empresários estão engajando-se na integração produtiva de nossa região, investindo em projetos industriais regionais.

Paralelamente, nossos países expandem suas parcerias com o resto do mundo. Essa é a prova de que o regionalismo pode e deve ser instrumento de uma abertura equilibrada para o mundo, que nos traga objetivos concretos.

Fortalecer nossa região aumenta o interesse de outros parceiros. Somente o aprofundamento da integração permitirá que se concretizem projetos como o dos corredores interoceânicos, ligando, por exemplo, nossa região aos mercados asiáticos.

A América do Sul começa a ser vista como importante interlocutor em temas centrais da agenda internacional. Assim, poderemos melhor defender nossos interesses, em temas que vão desde a Rodada de Doha até a proteção ambiental. Ao mesmo tempo,

estaremos contribuindo para uma ordem internacional mais democrática e equitativa.

Estamos dando exemplo sobre como enfrentar, de maneira inovadora, os desafios da paz e da segurança. Brasil e Chile, juntamente com outros países latino-americanos, estão participando da Missão da ONU no Haiti. Temos insistido na necessidade de que a presença da comunidade internacional não se limite à preocupação com segurança e inclua projetos para o desenvolvimento daqueles países.

Brasil e Chile também estão juntos no desenvolvimento de mecanismos inovadores de financiamento para combater a fome, a pobreza e suas seqüelas. Sem esse tipo de respostas criativas não haverá nem paz, nem segurança duradouras. Nossos esforços são facilitados por uma sintonia de propósitos e de interesses entre os governos e regiões.

Os eleitores sul-americanos foram às urnas com expectativas muito semelhantes. Querem mudanças e estão tendo mudanças. Quero terminar com uma mensagem de otimismo. Creio que a América do Sul reúne, hoje, excelentes condições para enfrentar os desafios globais. Temos uma série de vantagens comparativas e de trunfos. Somos democracias vibrantes, sociedades multiétnicas e multiculturais, que finalmente despertaram para a necessidade de diminuir os desequilíbrios e aumentar a integração.

Esperamos poder contar com a participação de todos os empresários aqui presentes nesse nosso projeto. O projeto de uma América do Sul e de uma América Latina com mais justiça e oportunidades.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu não poderia terminar de falar sem dizer para vocês que é necessário uma reflexão profunda sobre o que está acontecendo na América do Sul, no Chile e no Brasil. Eu penso que acabou o tempo em que as pessoas tinham dúvida se éramos capazes de consolidar o processo democrático nos nossos países. E agora já está garantido que a democracia está consolidada em todos os países da América do Sul e em todos os países da América Central. Mais do que isso, todos os governantes, neste momento, têm consciência de que a estabilidade econômica não é uma exigência do FMI, não é uma exigência do Banco Mundial, muito menos uma exigência do BID. A estabilidade econômica é uma exigência do povo de cada país, porque sem a estabilidade, quem perde é a parte mais pobre da população.

Ao longo desses últimos anos, nós aprendemos que o culpado das mazelas dos nossos países não eram outros senão nós mesmos, a nossa própria classe dirigente que, ao longo de tantas décadas, não levou em conta que era preciso combinar crescimento

do mercado interno com crescimento do mercado externo, que não levou em conta que era preciso crescer a economia controlando a inflação, e não levou em conta que esse crescimento só teria sentido se fosse combinado com uma política de distribuição de renda que garantisse, aos setores mais pobres da população do nosso continente, o acesso aos produtos que nós mesmos fabricamos nos nossos países.

O Chile é um exemplo de como as coisas podem dar certo. O Brasil, nesses últimos quatro anos, e certamente muitos de vocês têm acompanhado, deu um salto de qualidade, não apenas na estabilidade econômica, na credibilidade interna ou externa, mas deu um salto de qualidade ao apontar para a sociedade e para o continente que a integração sul-americana é a possibilidade de que o nosso continente seja, no século XXI, aquilo em que a Europa e os Estados Unidos se transformaram no século XX.

A verdade é que durante décadas e décadas, por que não dizer durante quase um século, nós estivemos de costas para nós mesmos, olhando para outros continentes. E jogamos fora a oportunidade de descobrir similaridades entre nós, a oportunidade de investimento, de nichos de investimento em setores que interessam ao desenvolvimento do continente. Não haverá desenvolvimento se não houver a integração energética, se não houver a integração aérea, se não houver estradas, ferrovias e as pontes necessárias, se não houver uma integração nas telecomunicações, e se não houver um grau de confiança política entre os agentes empresariais, os agentes trabalhadores e os agentes políticos do nosso continente.

O que estamos provando, e o Brasil é testemunha viva disso, é que nesses quatro anos, em função de priorizarmos a nossa relação com a América do Sul, a América do Sul e a América Latina são os principais parceiros comerciais do Brasil. A balança comercial do Brasil com a América Latina é maior do que a balança comercial com a União Européia e é maior do que a balança comercial com os Estados Unidos, que continuam sendo o maior parceiro individual do Brasil.

E isso é importante por quê? É importante para que não fiquemos dependentes apenas de uma região ou de um país. É importante que a gente tenha uma multirrelação que permita que, em função de uma crise num determinado setor, as nossas economias não quebrem como quebraram muitas economias na década de 90.

Em 2004, eu estava com o ex-ministro Furlan na Índia, com o ministro Celso Amorim na Índia, e no dia em que eu estava em Nova Deli, a Índia conseguiu atingir a soma de 100 bilhões de dólares de reservas. E nós discutíamos: será que um dia o Brasil vai conseguir ter 100 bilhões de dólares de reserva? Pois bem, três anos depois e nós

não temos 100, nós temos 120 bilhões de dólares de reserva, numa demonstração de que na medida em que governos locais agem com seriedade, gastam apenas aquilo que é possível gastar e investem o máximo que é possível investir, as coisas tendem a dar certo.

Muitos falam que é por conta da economia mundial. É verdade que a economia mundial está bem, mas se eu não tiver disposição de fazer limpeza na minha casa, a casa do vizinho pode estar limpa, mas a minha vai continuar suja e quebrada.

Cada um de nós aprendeu a fazer aquilo que é necessário ser feito, cada um de nós aprendeu que é importante desenvolver os nossos países. No ano passado, Michelle, no dia 22 de janeiro, nós anunciamos no Brasil o Programa de Aceleração da Economia. São 251 bilhões de dólares de investimentos em infra-estrutura até 2010. Antes de ontem, fizemos o lançamento de um programa que é o mais sério programa para a educação brasileira já feito em toda a história. E o meu Ministro me dava um número extraordinário. A primeira escola técnica no Brasil foi criada em 1909, por um presidente chamado Nilo Peçanha. De 1909 até 2003, o Brasil construiu 140 escolas técnicas profissionais.

Nós, em oito anos, vamos construir mais do que foi construído de 1909 a 2003. Nós vamos chegar a 2010 com 300 escolas técnicas profissionais instaladas em todo o território nacional. Vamos chegar a 300 escolas, saindo de um patamar de 140 escolas. Mais do que isso, criamos um programa para revolucionar a universidade brasileira, colocando os jovens pobres da periferia na universidade.

Os pseudo-especialistas, que nos faziam críticas, diziam que o governo Lula estava nivelando por baixo o ensino superior no Brasil porque estava colocando pobre na universidade. Faz 20 dias, o MEC, nosso Ministério da Educação, fez uma prova. Em 14 matérias analisadas, medicina, engenharia, veterinária, psicologia e tantas outras, os melhores alunos foram exatamente os alunos pobres que colocamos nas universidades brasileiras. E vamos continuar o programa para que a gente consiga criar condições para transformar a América do Sul, o Brasil – certamente o Chile já está mais avançado – em exportadores de conhecimento, em exportadores de inteligência, ao invés de sermos só exportadores de minério de ferro, de cobre ou de produtos *in natura*. Queremos exportar tudo isso, mas queremos exportar também valor agregado e, nesse valor agregado, queremos exportar o conhecimento e a inteligência de um povo criativo, de forma extraordinária, que é o povo latino-americano.

Quero desafiar os empresários aqui. O bom desafio. É importante que vocês

comecem a viajar pela América do Sul, é importante que vocês comecem a procurar oportunidades, é importante que vocês comecem a procurar nichos de oportunidades para os investimentos. E é importante que vocês comecem a acreditar na integração da América do Sul, porque ela veio para ficar. E quem não acreditar vai ficar à margem do processo de desenvolvimento do nosso continente.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.